

Assembleia – Reflexão da Liderança e Convite para dialogar

O mínimo que se pode dizer é que nestes últimos três anos como Ministra Congregacional, aproveitei e apreciei os momentos passados com todas as nossas irmãs em cada um dos nossos países. Foi uma bênção para mim ter tido a oportunidade de estar presente com vocês. Muitas vezes, minha agenda é preenchida com tarefas administrativas, responsabilidades financeiras, reuniões de diretoria, etc., no entanto, mantenho a convicção de que minha primeira responsabilidade e chamado é para nossa vida, nossa espiritualidade e nossa missão como irmãs juntas.

A quantidade de responsabilidade, o trabalho e as viagens às vezes têm sido assustadores. Melhorei em manter um equilíbrio entre trabalho e tempo livre, o que é muito importante. Sou grata pelo apoio e presença dos outros membros da Liderança Congregacional, da equipe e de tantos outros. É útil e reconfortante saber que há tantas pessoas qualificadas que compartilham deste trabalho de liderança.

Então, o que aconteceu com as diretrizes específicas do Capítulo de 2021, por onde passamos?

Acredito que o ponto alto para nós como uma equipe de liderança foi o chamado claro, ao longo do Capítulo, para a Transformação. Este se tornou o tópico central em nossas primeiras reuniões após o Capítulo de 2021. Para mim, o primeiro parágrafo da declaração se tornou o princípio orientador de nossas conversas. “guiados pelo Espírito Santo à conversão interior e à transformação ao longo da vida, devemos responder às novas realidades do nosso mundo...”

Na Assembleia Transformadora, Ted fez as seguintes perguntas:

- O que você realmente está buscando?**
 - O que você realmente está buscando?**
 - Qual é seu objetivo final relativo a um futuro cheio de esperança, pessoal e comunitária?**

A nossa resposta foi:

Assembleia – Reflexão da Liderança e Convite para dialogar

- **“Queremos ‘escolher a vida’, bem como revitalizar nossa missão, comunidade e relacionamentos umas com as outras na comunidade e com outras pessoas.”**
- **“Temos um profundo apreço por nosso carisma e pela necessidade dele em nosso mundo ferido.”**
- **“Evitamos conversas íntimas sobre o que realmente sentimos honestamente.”**
- **“Temos medo de nos desapegar das coisas e não nos envolvemos no luto que precisamos fazer juntos.”**

Estas são palavras que guardei no meu coração. Elas ressoam dentro de mim e me impeliram a seguir em frente.

Tendo servido na liderança por muitos anos, acredito que precisávamos fazer esse trabalho de conversão e transformação juntos, e de maneiras muito diferentes do que no passado. As estruturas de trabalho em comitês, ou em projetos separados ou isolados, ou procedendo de cima para baixo, não afetarão nossas vidas, individualmente ou em comunidade. Essas maneiras não nos desafiariam a discernir juntos novas e criativas oportunidades para dar à luz uma nova vida.

Então, a questão é por que o CARE?

Pessoalmente, essa questão me trouxe de volta aqueles comentários sobre evitar conversas íntimas, o medo de nos desapegar das coisas e nos manter tão estoicamente, não nos permitindo sofrer juntos.

Ao refletir sobre o luto, fui tocada por uma citação: "O luto é como o oceano; ele vem em ondas que vão e vêm. Às vezes, a água está calma e às vezes é avassaladora. Tudo o que podemos fazer é aprender a nadar." — Vicki Harrison

Em momentos de luto, descrevi a dor e a perda como ondas. Senti um luto intenso quando meu irmão Jim morreu inesperadamente há 14 anos. A tristeza me dominou como se eu estivesse me afogando. Eu não conseguia respirar o suficiente para cantar. No entanto, com o

Assembleia – Reflexão da Liderança e Convite para dialogar

passar do tempo e com o apoio de amigos e familiares, a sensação de me levantar daquela profundidade escura e encontrar meu fôlego se tornou palpável.

Como podemos aprender a nadar juntas nas tempestades e mares turbulentos do luto pelas mortes de nossas irmãs, familiares e entes queridos? Ao deixarmos os lugares consagrados pelo tempo e passarmos para frente ministérios que não podemos mais servir sozinhas, como navegamos pelos sentimentos de angústia, desgosto e tristeza? Como convidamos outras pessoas para compartilhar e nos animar com novas visões, percepções e esperança?

Por que o CARE? Na minha experiência de viver em comunidade, houve momentos em que conversas e relacionamentos eram como se fossem uma luta, especialmente em nossas conversas entre irmãs sem julgamentos, nem atitudes defensivas. No CARE, ouvi irmãs falarem sobre suas experiências de mágoa e dor vividas em comunidade.

Às vezes, essas situações difíceis levam à desconfiança e ao distanciamento, de modo que viver sozinha ou em grupos muito grandes se torna mais fácil, porque você não precisa estar tão envolvida. Espaço e distância se tornam segurança, isolando-nos dos encontros que foram e podem ser dolorosos.

Eu experimentei pessoalmente críticas e julgamentos dolorosos ao longo dos anos. Com a ajuda da direção espiritual e aconselhamento, decidi de colocar, como uma intenção minha, que eu não seria ignorada, menosprezada ou deixada de lado. Vim para a vida religiosa para viver em relacionamento com vocês, minhas irmãs e outras pessoas.

Por ter participado de todas as sessões de treinamento CARE, ouvi irmãs falarem abertamente, algumas, pela primeira vez, em grandes grupos. Elas compartilharam suas experiências, suas mágoas, lutas e perdas de ministério e entes queridos.

Já tivemos conversado e compartilhado umas com as outras de forma mais íntima e aberta. Acredito que esse partilha continua nos

Assembleia – Reflexão da Liderança e Convite para dialogar

pequenos grupos e em outras conversas, como em nossos grupos de afinidade e grupos de Trabalho Interno.

Eu faço as seguintes perguntas a mim mesma e também a vocês:

- Como eu e nós trabalhamos frente as dificuldades, diferenças e conflitos, com as habilidades que aprendemos, para não continuarmos com mágoas e desconfiança?

- Como é que eu e nós podemos manter esses processos, aprendizados e conversas enquanto a vida continua a se desenrolar?

- Como é que vamos continuar e nos tornamos mais profundamente envolvidas e engajadas com nossos Associados e Parceiros na Missão?

Meu maior medo é que, se não continuarmos nos movendo, continuarmos conversando e trabalhando juntos, simplesmente desistiremos. Escolheremos segurança e distância. Eu quero escolher a vida. Quero que escolhamos a vida.

Eu era afiliada na Holy Cross no Bronx quando as irmãs tinham acabado de retornar de um Capítulo que discutiu as escolhas de Extinção, Sobrevivência Mínima ou Revitalização. Começando há 50 anos, eu não entendia completamente, mas fiquei profundamente grata por vocês terem escolhido a revitalização. Continua sendo minha esperança e desejo que revitalizemos nossa missão e alimentemos nossa vida em comunidade.

Sei que o nosso carisma é necessário. Vejo isso na Jamaica, na paixão e convicção de nossas irmãs e daqueles que fazem parceria com elas, enquanto animam e continuam a promover a presença e o ministério franciscano que serviu ao povo da Jamaica nestes últimos 145 anos.

Vejo isso no Brasil quando nossas irmãs se envolvem na Campanha da Fraternidade, promovida pela Igreja no Brasil, com sua ênfase na Transformação Social para todas as pessoas e, especialmente, os jovens. Testemunhei isso nos esforços imensos para tornar nosso hospital de Santa Casa sustentável, pois lá são fornecidos serviços essenciais à população. Sou profundamente grata pela parceria que começou com o Hospital St. Joseph em Tampa e BayCare.

Assembleia – Reflexão da Liderança e Convite para dialogar

No ano passado, Lucy Cardet e eu passamos um tempo na Bolívia com Maria e Elvira. Fui tocada profundamente pela humildade, a fidelidade e o serviço aos pobres que elas vivem e, especialmente, o serviço às pessoas em Pedragal. Sua presença, ministério, dedicação e apoio às pessoas que realmente vivem na margem da cidade de La Paz, falam de seu compromisso com a simplicidade e pobreza franciscana.

Eu testemunhei isso na Flórida quando nossas irmãs se reuniram para entrar na difícil conversa e decisão de fechar o Convento de Santa Isabel e a disposição delas de liderar um movimento em busca de um novo propósito e missão para aquele espaço. Aqui na Casa Mãe, vejo isso nas atividades e projetos feitos pelos artesãos, nas coletas para a Warming.House?Genesis.House.e.Mary's.Shower, arrecadando fundos e fornecendo roupas e necessidades básicas para os pobres e necessitados localmente.

Sou grata por ter passado um tempo em Moçambique com Liliane, Eurípides e Abadia. Em poucos meses após sua chegada, elas já estavam profundamente enraizadas na comunidade, compartilhando sua presença e seus dons, fazendo parceria com as pessoas e os jovens de Maganja. Fiquei orgulhosa de ouvir do Bispo Holario que nossas irmãs sabem como viver e como fazer missão.

Eu acredito em nosso desejo por relacionamento e intimidade. Eu experimentei isso na partilha profunda durante o treinamento CARE. Em muitas interações pessoais contínuas entre as irmãs, sou grata por ser convidada para seu trabalho de alma relacionado ao luto. Este para mim é um lugar sagrado onde aprendo novamente os caminhos de viver atenção, abertura e compaixão.

Eu derramai, nós derramamos muitas lágrimas juntas enquanto lamentávamos e celebrávamos o transitus de nossas irmãs para o amor de Deus, e recentemente sentimos a dor da morte repentina e inesperada de Norma Matthews e nosso irmão franciscano Dan Riley. Nós mantemos Cindy, sua família e nossos frades num abraço terno, forte e cheio das nossas orações, enquanto permitimos que a dura

Assembleia – Reflexão da Liderança e Convite para dialogar

picada da morte abra nossos corações para que o amor sem limites possa fluir.

Eu acredito no que dissemos no Capítulo de 2021, que nosso futuro está em nossa disposição e capacidade de nos envolvermos juntas e em fazer o trabalho duro, o trabalho de alma, de conversão e de transformação.

E assim, ao concluir esta reflexão, deixo-nos com a pergunta: Em quem vamos nos tornarmos e o que nos cabe fazer?

**Margaret Magee, OSF
Assembleia Congregacional
29 de julho de 2024**